



ELES NÃO ESTAVAM LÁ

Mariângela ALONSO¹

Recebido: 30/06/2019
Aprovado: 26/08/2019

Da calçada ela observou a casa amarela, que parecia ocupar grande parte da rua, quase como um minarete elevado naquela cidade situada a trezentos e oitenta quilômetros da capital paulista. Localizada no meio do quarteirão, era uma construção antiga, provavelmente dos anos 50, levantada pelos braços do próprio pai, agora residente em outro plano. As escadas que conduziam à varanda completavam o ar de elevação. Com suas paredes de amarelo vivo, a casa trazia calor e parecia despertar a curiosidade de quem a observasse. Além disso, a calha e as janelas pintadas de branco davam o ar dos lares encantados dos contos de fadas. Na grama verde do pequeno jardim despontavam placas decorativas de madeira no meio de dalias e begônias, com desenhos dos famosos sete anões e os dizeres: “Seja bem-vindo” e “Cantinho feliz”. Tais placas conferiam ao espaço uma atmosfera pueril.

Ela sabia que a casa era um misto de resistência ao tempo e às adversidades, pois ao longo dos anos sua estrutura suportara os mais diversos acontecimentos vindo das mais diversas personalidades que por ali tinham passado, deixando marcas indeléveis.

Subiu as escadas e chegou à porta. Foi quando ouviu sons estridentes de música alta, conversas, risos e discussões, tudo muito confuso. O que estava acontecendo?

Ao entrar deparou-se com a sala de estar cheia de figuras excêntricas e fantasiadas dos mais variados personagens de Walt Disney, contos da carochinha, cinema e televisão. O que significava aquilo? A casa estava servindo de palco para um baile à fantasia? Abriu bem os olhos para se certificar do que via. Como ectoplasmas, tais criaturas estavam ao alcance de seus cinco sentidos, tornando-se visíveis e tangíveis. A cartela de cores das vestimentas era tão intensa e cafona que quis gritar por socorro. Como lidar com o amarelo berrante, verde limão, alaranjado púrpura e azul anil num mesmo ambiente? Sentiu náuseas profundas.

A gritaria era tanta que nem perceberam quando ela se aproximou do piano, cujas cordas começavam a romper, tamanha era a força que a “Minnie” depositava. Tremeu por dentro. O piano estava sendo destruído, era isso? As notas mal tocadas lançavam uma melodia horrorosa que,

¹ Doutora em Estudos Literários pela UNESP e pós-doutora pela USP. Docente de Literatura Brasileira e Teoria da Literatura do curso de Letras da Universidade Estadual do Norte do Paraná.

entretanto, agradava aos convivas. Engoliu seco quando viu as paredes pichadas e o sofá branco todo sujo de vômito, provavelmente do “Gato de Botas”, que se debruçava apoiando-se para não cair de tão bêbado. Sentiu uma garrafa de cerveja passar raspando e por sorte não atingir sua cabeça. Ao olhar para cima, viu o “Pateta” balançar-se do lustre e num pulo quase se esbugalhar no chão. O lustre de cristal, minimamente escolhido e pensado para aquele ambiente estava prestes a dismantelar! Na mesma sala o “Barba Azul” começou a espancar o cachorro, antigo mascote do pai dela, que erguera tudo aquilo. Era uma infâmia. Junto aos pescoções o cão recebia os mais variados xingamentos: sujo, remelento, pulguento, imprestável etc.

Olhou para a frente e viu os familiares atordoados, sem saber o que fazer. Não conseguiam ultrapassar a cozinha, acuados que estavam. Antes de chegar até eles lembrou-se do escritório repleto de livros. Teria sido depredado como a sala? Correu até lá para ver. Tarde demais: fora da ordem que deixara, os livros estavam rasgados e jogados ao chão. Além disso, a estante reservada aos livros da escritora favorita pareceria ter sido devastada por um furacão. Intactos, restaram apenas três dos exemplares. Como seria a salvação daquilo tudo? Pelo risco?

O acesso de cólera foi tanto que bateu as mãos na mesa já quebrada e nem sentiu dor. Ela se vingaria. Tudo se configurava como um desplante, um episódio colorido e dolorido encenado na casa amarela. Mas o pano haveria de descer.

Na verdade, eram todos estrangeiros e de passagem por aquele lar. Não eram parte de sua família. Exteriorizados em formas fluídicas, assemelhavam-se a intrusos que surgem sorrateiramente em fotografias, como almas penadas, aterrorizando quem os observa. Invasores, impostores, espaçosos, canastrões no grande palco da vida. Talvez não soubessem que não passavam de atores de quinta categoria e ela era a única que saberia discutir seus frágeis e deficientes roteiros. Não convenciam. Personagens ou pessoas reais? Espectros de corpos antigos? Não sabia responder.

Assustados, os familiares sentiram-se aliviados e ao mesmo tempo preocupados com a presença dela. O que ela poderia fazer? Piorar ainda mais o andamento dos fatos? As consequências poderiam ser drásticas. Ao abraçarem-na todos falavam ao mesmo tempo, afirmando que a casa tinha sido invadida logo de manhã. A voz dos familiares misturava-se à música alta e aos gritos dos invasores, num misto de bateria de escola de samba em dia de ensaio com sinfonia de Stravinsky, atonal e desconcertante.

Foi então que ela viu o teto da sala ceder. Parte do forro veio abaixo, ocasionando uma nuvem intensa de sujeira e poeira, que fez com que a algazarra dos fantasiados aumentasse ainda mais.

Descompensada, pensou no pai e na destruição da casa. O que ele diria de tudo aquilo? Mesmo longe o pai tinha sempre algo a dizer. Lembrou que o único modo de contato poderia se dar no quintal, a partir da linha divisória entre a lavanderia e a edícula utilizada como área de lazer, anexa aos fundos. Pediu que os familiares esperassem, haveria de trazer uma solução.

Com a cabeça doendo adentrou a área dos fundos, avistando a linha divisória. Chamou e esperou. O pai surgiu na frente da edícula e abriu os braços. Vestindo túnica branca e barba por fazer, estava diferente de todas as outras ocasiões em que surgira de camisa branca e calça de brim. Com o olhar sereno, pousou os braços num gesto de cansaço e esclareceu: “Eles não estão lá”. Porém, a música alta da sala da frente atingia os fundos, atrapalhando a audição dela. Desesperada, lançou um gesto impaciente, dizendo que ela não o ouvia e a casa estava em frangalhos e poderia desmoronar a qualquer momento. Então, mesmo longe o pai passou a falar bem perto dela. Repetia seguramente que os fantasiados não estavam lá. No entanto, ela olhava para dentro da casa e os via. “Eles não estão lá”, continuava o pai.

Não mais submissos aos limites de tempos e espaços, eles não estavam lá. Combinados entre si pela fantasmogênese tomavam forma unicamente para atormentá-la. Tios, tias, primos e primas, todos fantasiados e com razão própria, fazendo da casa uma colônia de celeumas. Eles não estavam lá.

Quando acordou do cochilo percebeu que já tinha passado a estação Portuguesa-Tietê. Agora ela deveria se apressar, subir as escadas do metrô e retornar a outra direção. O ônibus para o interior partiria em quinze minutos e rodaria trezentos e oitenta quilômetros.

Seis horas depois já estava na casa amarela, ouvindo a clássica pergunta da mãe: “Fez boa viagem? ”. Quando foi abraçada olhou de soslaio para a sala, teto, lustre, sofá. “Sim, a viagem foi tranquila”, respondeu hesitante. Adentrou o escritório ainda receosa. Tudo estava no devido lugar. Riu consigo e se certificou: eles não estavam lá.